

## LITERATURA SERVE PARA...? QUESTIONAMENTOS SOBRE ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA \*\*

Sherry Morgana J. Almeida\*

### RESUMO:

Este texto discute alguns problemas do ensino/aprendizagem de Literatura. Reflete sobre os descompassos entre arte literária e formação de leitores nos níveis médio e superior da educação brasileira, a partir do pensamento da Crítica literária.

**Palavras-Chave:** Ensino de literatura; Crítica literária.

### RESUMÉ:

Ce texte discute quelques problèmes de l'enseignement/apprentissage de Littérature. Il reflète sur détournements entre art littéraire et formation de lecteurs en l'éducation brésilienne, à partir de la pensée de la Critique littéraire.

**Mots-Clé:** Enseignement de littérature; Critique littéraire.

S.O.S.

O poema é uma garrafa de naufrago jogada ao mar.

Quem a encontra

Salva-se a si mesmo [...]

Mario Quintana

Especular sobre questões pedagógicas é adentrar numa temática de grande relevância para qualquer sociedade, posto que a educação representa o único caminho eficiente para o desenvolvimento de um povo. Por isso, a discussão das problemáticas de ensino sempre gerou

---

\*\* Artigo apresentado em comunicação individual no IV Encontro para o Ensino de Língua e Literatura, da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, em agosto de 2006; publicado nos anais do evento (ISSN 1808-5393)

\* Mestre em Teoria da Literatura e Bacharel em Crítica Literária pela UFPE, professora de Literatura brasileira da Faculdade Sete de Setembro, FASETE.

debates calorosos e fez surgir diversas correntes de pensamento que têm em comum o intuito de melhorar a relação ensino/aprendizagem em sala de aula.

É indiscutível que as dificuldades de ensino existem em todas as disciplinas, mas também o é a constatação de que Literatura constitui-se como uma das disciplinas mais problemáticas.

Como instituição e matéria de ensino, a Literatura alcançou o auge de seu prestígio no período que vai do início do século XIX até meados do século XX. A estima consensual que a sociedade nutria pelo conhecimento humanístico e a valorização da tradição escrita legou à Literatura um prestígio que foi se dissolvendo com a consolidação dos valores burgueses no final do século XX. Isso aconteceu, principalmente, porque as tendências vanguardistas de criação colocaram a chamada Literatura moderna em oposição direta a esses valores burgueses. Naquele momento, o ensino, enquanto instituição, era (e ainda hoje é) uma maneira de propagar e fundamentar valores sociais, algo incompatível com o caráter anárquico e demolidor da Literatura que então se produzia (PERRONE, 2001). Ademais, o pragmatismo burguês não estimularia uma atividade social que não resultasse em produção, e não tivesse aplicação nem retorno imediatos (e, por conseguinte, não fosse lucrativa!). A literatura não tem uma função pragmática imediata, seus benefícios só são percebidos a longo prazo. Sobre isso, adverte-nos Roland Barthes: “Perversidade do escritor (seu prazer de escrever não tem função), dupla e tripla perversidade do crítico e do seu leitor, até o infinito.” (2002, P. 25)

Com o século XXI em curso, o que se percebe, grosso modo, é que a literatura tem sofrido com um acolhimento nocivo por parte da indústria cultural. Esta lhe conferiu status escapista, cobrando-lhe a função de ajudar a tornar a vida mais suportável. Eis o momento propício ao crescimento da literatura de auto-ajuda, muito conveniente às regras do capitalismo, porque oferece respostas cômodas aos leitores, conformando-os em situação de não questionamento: aceitar os problemas da vida, aprender a conviver em sociedade [...] E, claro, não desenvolver a criticidade para questionar o sistema. Esses leitores, ou melhor, esses consumidores satisfeitos, iludem-se ao acreditar que compraram uma espécie de “manual da felicidade”. Estimulados pela mídia fomentam o lucro capitalista, transformando páginas preenchidas por verdades prontas em best-sellers. Por sua vez, a Literatura verdadeiramente artística é esquecida, quando não evitada, pelos editores e mercado consumidor, não chegando ao leitor. Por conseguinte, a sala de aula torna-se o lugar do desencontro, pois, segundo opiniões dos alunos, o professor “insiste” em indicar leituras que estão “fora da moda”, difíceis e “viajadas”.

No Brasil, a situação do ensino de Literatura, assim como a de todas as matérias, é obviamente mais grave na escola pública, pois os problemas sócio-econômicos do país potencializam a dificuldade de formação de leitores críticos. Contudo, mesmo nas escolas particulares, onde teoricamente o professor deveria encontrar mais facilidade de apresentar o texto literário ao aluno, o ensino de Literatura mostra-se como um grande desafio.

As dificuldades começam já na nomeação de Literatura como disciplina, pois enquanto arte, ela foge e nega todos os enquadramentos disciplinares que em outras áreas do conhecimento se consegue impor com maior ou menor esforço dos professores. Acrescente-se a isto a questão da mudança de valores, da aceleração do ritmo de vida e dos avanços tecnológicos da sociedade moderna, os quais se configuram como aspectos contrários ao estímulo à leitura literária. Isso porque a vida cotidiana da “sociedade de espetáculo”, como afirma a crítica e professora de Literatura Leyla Perrone-Moíses, “habitua os indivíduos ao consumo rápido e caótico de informações, o oposto da concentração e da lentidão exigidas pela leitura do texto literário” (PERRONE, 2001, P. 347). Ninguém tem mais tempo para a reflexão: as informações devem ser rápidas e objetivas (e frequentemente descartáveis!) – quase não há espaço para figurações literárias em nossas vidas. Posto que estas não “vendem barato” seus sentidos, pois cobram do leitor tempo, atenção e habilidade cognitiva.

Especificamente no tocante ao ensino médio, o que se vê é um conteúdo programático que tende a dar conta da história da Literatura brasileira, e não de leitura de Literatura brasileira. Dessa forma, a aquisição do conhecimento apresentado pela disciplina apresenta-se como uma tarefa maçante para o adolescente. Ademais a linha cronológica tradicional de apresentação dos movimentos e textos literários põe o aluno em contato primeiro com textos cuja linguagem, distante temporalmente, torna-se quase inacessível, e só depois é que se chega a apresentar a produção cuja linguagem é contemporânea a ele. Por que não pensarmos no inverso – o que se produz hoje em Literatura nos levando a buscar o que já se produziu há séculos?

Esse problema relaciona-se diretamente ao já bastante questionado sistema de ingresso no ensino superior, o vestibular. Por maiores e mais bem-intencionadas que sejam as alterações nas estruturas das provas, no que tange à Literatura, ele será sempre um obstáculo impiedoso à formação de leitores. Isso porque o programa exigido pelas comissões de vestibulares da maioria das universidades brasileiras, além de ser extremamente limitado – considerando-se as temáticas e a maneira de abordagem dos movimentos literários – inviabiliza uma mudança radical de ações e temáticas por parte do professor. Ele não tem autonomia para levar para sala de aula um percurso dinâmico e atual de leituras – mesmo que

o projeto pedagógico da escola lhe proporcione liberdade para isso – pois é preciso “preparar” o aluno para a prova do vestibular. O programa será cobrado, portanto, de uma maneira ou de outra ele precisa ser cumprido, mesmo que o professor considere algumas obras, autores e movimentos verdadeiros empecilhos para despertar o prazer da leitura em adolescentes. Em outras palavras, ainda que o professor, tanto quanto seus alunos, ache desnecessária e maçante a leitura deste ou daquele romance do século XIX, por exemplo, ele terá de inseri-lo em seu plano de curso e cobrar conhecimentos a ele referentes em suas avaliações.

Há ainda o problema gerado pelo alargamento da noção de texto, que inclui o estudo das manifestações não verbais. Muitos professores interessados por textualidade geral e desinteressados da produção literária específica acabam privilegiando em suas aulas a leitura do paraliterário e mesmo do não-literário. Claro que o aluno precisa ter as habilidades de leitura crítica de todos os tipos e gêneros textuais, mas é preciso lembrar que o espaço para isso são as aulas de Língua Portuguesa e de Redação. Obviamente, o aluno necessita desenvolver a competência de discernir o literário do não-literário, mas o caminho comparativo deve partir sempre da Literatura para os demais textos e sempre retornar a ela: tudo que não for Literatura deve secundário na aula de Literatura.

Acerca dessa temática, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nos oferecem um exemplo prático: (1999, P. 137) os alunos questionam o cânone literário, o que é considerado literatura e, por conseqüência, lhes é imposto como leitura obrigatória. Eles, após uma atividade, chegam à conclusão de que “Drummond é um chato” e que o cantor Zé Ramalho é tão poeta quanto Drummond. Eis um problema a ser resolvido pelo professor de Literatura! Cabe a ele explicar ao aluno as especificidades da composição textual literária que, entre outras características, apresenta um trabalho artístico de linguagem e que, por isso, nunca se esgota em uma leitura, provocando incessantemente discursos críticos sobre si. Isto é, explicar as especificidades e a importância do conhecimento de um clássico. Ítalo Calvino elucidou-nos sobre os motivos de se ler um clássico da Literatura:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 2004, P.10)

O caminho de orientação para o conhecimento da arte literária não precisa ser menos racional do que o que se pode adotar numa aula de Matemática, por exemplo. Tanto para o ensino desta, ou de qualquer outra matéria, quanto para o ensino de Literatura mais eficiente

será o método quão mais criativo for o professor. Mesmo depois dessa mediação, a opinião do aluno sobre Drummond pode não mudar, mas, então, a questão deixa de ser desconhecimento do que é literário e passa a ser uma questão de afinidade de leitura. Ele pode não gostar dos textos de Drummond, entretanto saberá porque ele é considerado um clássico da Literatura brasileira. Ele não precisa passar a ler Drummond como hobby nem deixar de gostar das canções de Zé Ramalho para conseguir ser crítico sobre a produção de ambos. O que não pode acontecer é o professor de Literatura “trocar” o estudo de Drummond pelo de Zé Ramalho em sala de aula, pois

se o ‘prazer de ler’ é concebido como facilitação e adesão ao gosto médio do público, e se a liberação da criatividade se dá sem a prévia e concomitante consolidação de uma bagagem cultural, e sem o desenvolvimento da capacidade crítica, os resultados são inócuos ou lamentáveis. (PERRONE, 2001, p. 349)

Na realidade, a Literatura em si, enquanto prática, não é “ensinável”: não é possível, em sentido estrito, ensinar a gostar de ler, mas é possível orientar o que se ler. Ademais a necessidade sistêmica que é inerente a todo e qualquer processo pedagógico não casa bem com a indisciplina e transgressividade necessárias à formação de um leitor que sinta prazer na literatura. Isso porque a Literatura clama por liberdade! Um indivíduo precisa construir seus caminhos de leitura, acumular fontes, embrenhar-se no labirinto de uma biblioteca guiado apenas pela curiosidade e pelo afã da vontade. Literatura comentada só depois de ler o texto sozinho! A escola precisa avaliar os alunos, mas o descobrimento do prazer de leitura um texto literário não se afina com os objetivos de um programa escolar.

O dilema da educação literária, que deveria e poderia ser promovida na escola, está exatamente na impossibilidade de eliminação do mediador que faz a ponte entre os estudantes e os livros: o professor. Quantos escritores gostariam de ver boa parcela dos professores no fundo inferno... Quantos escritores gostariam de ver a maioria dos autores de livros didáticos no quintal do purgatório [...] Quantos escritores gostariam de ver suas obras fora e longe dos muros escolares. (SILVA, 1990, p. 54)

De fato, não podemos eliminar a figura do professor, pois a mediação é necessária a qualquer processo didático. Seria ingenuidade achar que se pode dispensar a ação do professor de Literatura, acreditando que o melhor caminho para haver mais leitores críticos no país deixe de ser a sala de aula. Já não estaríamos mais discutindo uma matéria escolar, mas

sim como o indivíduo poderia adquirir maturidade para construir sozinho um percurso de leituras. Também não podemos querer retornar à situação da Antigüidade clássica em que a Literatura era um entretenimento do entre-guerras, não estando presa às amarras de programas de disciplinas escolar. Resta-nos assumir as penas e as glórias da tarefa de ensinar a ler Literatura. Escolhamos, então, não um método ou uma pedagogia, mas métodos e pedagogias adequados a cada texto literário. Como no exercício da crítica literária, é preciso escolher a teoria certa para cada análise literária. Este é o melhor caminho: deixemos que o texto nos permita que abramos as portas de suas significações. Para tanto, leiamos, nós, sempre muita Literatura, pois só assim se obtém as chaves, as quais ofereceremos aos nossos alunos. Depois é esperar que alguns deles, curiosos e seduzidos pelo conhecimento literário, encontrem sozinhos as chaves de outros textos.

Todo o ser humano que goze de plena saúde física e mental é um leitor em potencial e o papel do professor de literatura deve ser sempre o de mediador entre o texto literário e o leitor, isto é, o professor deveria ser um alguém “mais lido” que em sua formação profissional teve contato com aquilo que se chama texto artístico sendo, portanto, habilitado a apresentar ao novo leitor as virtudes que a literatura lega ao ser humano. Deveria, mas nem sempre o é! A crise no ensino brasileiro afeta todos os níveis, inclusive, o superior – a formação de profissional de Letras não tem sido a ideal e, paradoxalmente, os estudantes de Letras, e possíveis futuros professores de Literatura, geralmente, não são os grandes leitores do ensino médio. No curso que, pretensamente, formaria os amantes das belas letras o que menos se observa é o interesse pela leitura e discussão dos textos literários com intuito de construção de criticidade. O “desletramento” do curso de Letras muito se nutre da postura (profissional e pessoal) mesquinha de alguns pretensos professores e alunos “estudiosos” de Literatura, que transformam os departamentos de Letras em ambientes de vaidade pessoal mais do que inadequados, inóspitos, a uma conversa inteligente sobre boa leitura. Eis o lema: Compartilhar Nunca! Evidenciar-se sempre! Tal postura, porém, não é uma atitude recente, nem é um privilégio das universidades brasileiras. Arthur Schopenhauer (1788-1860, p. 19), um dos mais importantes filósofos alemães, já comentava essa relação de aparências que a humanidade tem com o conhecimento:

Quando observamos a quantidade e a variedade dos estabelecimentos de ensino e de aprendizado, assim como o grande número de alunos e professores, é possível acreditar que a espécie humana dá muita importância à instrução e à verdade. Entretanto, nesse caso, as aparências também enganam. Os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam

pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la. E os alunos não aprendem para ganhar conhecimento e se instruir, mas para poder tagarelar e para ganhar ares de importantes.

Não é anacrônico esse apelo ao filósofo do século XIX, na verdade, ele nos mostra que os descompassos entre a instrução crítica e a educação formal são inerentes a qualquer sociedade.

O bom professor é aquele consegue instruir seus alunos, instigando-os a buscar sempre mais conhecimento. Eis, pois, uma certeza que todo professor de literatura, especialmente os mais apaixonados pelo prazer da leitura, precisam levar consigo até a sala de aula: seu desafio maior não é dizer o quê e quando, este ou aquele poeta ou escritor escreveu, mas é sim conseguir transformar o seu aluno em leitor (categorias distintas!). O grande crítico literário brasileiro, o sociólogo e professor Antonio Candido, defende a literatura como um dos direitos humanos. Isso não é nenhum exagero, pois a Literatura, como ele afirma, atua como organizadora da mente e refinadora da sensibilidade, ela oferece valores num mundo onde eles se apresentam tão flutuantes, dispersos e superficiais. Em síntese, urge que se compreenda que a Literatura educa sim! Ela não é a farmacologia para os males da humanidade, mas é nela que se encontra a bagagem cultural do imaginário dos povos e um método pedagógico eficiente para o ensino de Literatura deve está embasado na certeza de que há um conhecimento que só o texto literário pode nos oferecer.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

PERRONE-MOÍSES, Leyla. Consideração Intempestiva sobre o ensino de literatura. In: **Inútil Poesia e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. **Literatura e Pedagogia: Ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.